

FÉ E RAZÃO NO PENSAMENTO DE TOMÁS DE AQUINO

Fabio Augusto Santos da Silva¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo expor a contribuição Tomista referente ao diálogo Fé e Razão. Para tanto, analisaremos, de forma breve, o que se construiu em termos de harmonização entre Filosofia e Teologia até o séc. XIII. Posteriormente, veremos a novidade de Tomás de Aquino acerca do tema escolhido e por fim, algumas questões atuais levantadas por filósofos e teólogos estudiosos do tema.

Palavras Chave: Fé, Razão, Conhecimento.

Abstract: This article aims to expose the Thomistic contribution for the Faith and Reason dialogue. We will analyze briefly, which was constructed in terms of harmonization between philosophy and theology to the century. XIII. Later, we will see the Thomas Aquinas of novelty on the chosen topic and finally, some current issues raised by philosophers and specialists theologians.

Keywords: Faith, Reason, Knowledge.

1 INTRODUÇÃO

A Filosofia sempre esteve presente no pensamento humano. Embora haja discussões sobre a sua origem, o específico ato de filosofar, entendido como capacidade de reflexão, admiração com o desconhecido, com um mundo que se abre, perpassa toda a história do ser humano. Em cada momento da história o ser humano deparou-se com problemas, desafios no qual tentou, dentro de suas possibilidades, resolver e ultrapassar. Esta visão antropológica é muito importante para o estudo da filosofia independente da época. A filosofia não está fora da história, do tempo. Mesmo que a razão consiga especular uma solução ideal, a temporal, são filósofos encarnados na contingência humana que realizam tais pensamentos e a filosofia, por sua vez, ao estudá-los “deveria” levar isso em consideração.

Veremos no início deste artigo que houve um tempo em que a filosofia medieval foi considerada indigna de um estudo sério devido ao preconceito em relação aos pensadores medievais, no qual, como vimos, pensaram os problemas

¹ Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Católica de Pelotas.

para sua época onde o contexto envolvia fé, igreja, estado, Deus, e isto não foi aceito por muito tempo e ainda hoje encontramos reflexões parecidas em muitas Universidades.

Após este estudo estudaremos, de maneira resumida, o que se desenvolveu acerca do diálogo Fé e Razão até o séc. XIII, onde posteriormente veremos a grande síntese Filosofia-Teologia feita por Tomás de Aquino referente ao tema escolhido. Por fim analisaremos algumas reflexões atuais de pensadores que continuam a tratar deste fecundo assunto de várias maneiras.

2 O ESTUDO DA FILOSOFIA MEDIEVAL

Inicialmente poderemos abordar este assunto partindo da seguinte pergunta: Por que a filosofia medieval foi considerada indigna de um estudo sério? Esta indagação pode parecer estranha em um primeiro momento, mas ao olharmos a história dos estudos de filosofia medieval, constataremos que esta questão tem muita relevância. Segundo o professor Luis de Boni, a fundação do curso de filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP na década de 30 teve este espírito: "... passava-se de Proclo a Descartes com a maior naturalidade. Transcorreu meio século antes que se criasse a cadeira de Filosofia Medieval na mais renomada instituição de ensino superior do Brasil. (DE BONI, 2005, p.8).

Podemos explicar este fenômeno, não tendo a pretensão de esgotá-lo, observando dois elementos: conforme Frederick Copleston, dizia-se que a razão gozou da liberdade somente após a noite escura da idade média. "No mundo antigo e no mundo moderno a filosofia pode considerar-se livre, enquanto no período medieval era escrava." (COPLESTON, 1962, p.14)²

O segundo elemento que nos ajuda a compreender a resistência à filosofia medieval é observar onde se concentraram as críticas. É certo que o pensamento escolástico, após 1350, não produziu grandes nomes da envergadura de Tomás de Aquino, Alberto Magno, Boaventura, Duns Scotus, Dante Alighieri, e por isso o

² Nos capítulos seguintes trataremos deste assunto e veremos até que ponto esta afirmação é verdadeira ou ela se insere num preconceito bastante infeliz proferido por pensadores vindos do Renascimento, da Reforma e do Iluminismo, porque se os filósofos medievais foram influenciados pela Teologia, os modernos também foram influenciados por fatores externos como a ciência e a técnica.

pensamento seguinte (Renascimento, Reforma e Iluminismo), com razão, exigiu um fôlego novo a cultura presente e isto também incluía a filosofia.

No entanto, De Boni ensina que tanto o Renascimento, quanto a Reforma e o Iluminismo abeberaram-se da Idade Média.

Estudos atuais mostram que os renascentistas, mesmos aos mais críticos, como Rabelais, abeberavam-se em fontes que eram bem conhecidas (Cf Bottin. 'Il riso degli umanisti e le climere di medievali' – manuscrito). No caso da Reforma ... os primeiros historiadores da Filosofia Medieval foram exatamente os alemães luteranos do séc. XVII e XVIII. Quanto aos Iluministas, sabe-se hoje, por exemplo, aos escrever alguns artigos de cunho filosófico em seu Dictionnaire Historique et Critique, Pierre Bayle, através dos jesuítas da Segunda Escolástica, seguia esquemas e tomava ideias de pensadores medievais que, logicamente, não eram citados, como também não eram citados os Jesuítas. (DE BONI, 2005, p.9).

Desta maneira entendemos o porquê das críticas à Filosofia Medieval, algumas compreensíveis como o pedido do renascimento de uma cultura mais erudita e outras refutáveis como a escravidão da razão por parte da Teologia acentuada pelo Iluminismo, porque se entendemos como filosofia “captar conceptualmente seu mundo” no dizer de Hegel, ou ainda “em procurar a verdade” na compreensão de Tomás, ela esteve presente na Idade Média.

Percorrendo o itinerário da história do estudo da Filosofia Medieval, devemos investigar onde começou o interesse pelo estudo Medieval e quais pensadores contribuíram para a descoberta dos valores presentes na Idade Média.

Foi o romantismo o primeiro a perceber a importância da Idade Média para a compreensão da cultura ocidental. No entanto isso não significou uma revalorização da Filosofia Medieval, embora tenha sido no campo das artes, da literatura uma grande conquista do período medieval.

Aos poucos, alguns pensadores, conforme De Boni, ressaltavam a intelectualidade dos grandes padres da Igreja, mas ainda eram resistentes aos filósofos medievais. Somente com nomes como J.M. Degérando, F. De Lammenais, L. De Bonaldi e J. De Maistre e depois com V. Cousin e E. Renan é que houve um resgate do pensamento medieval.

Entre aqueles que viram na Idade Média uma riqueza cultural a ser estudada e aqueles que retornavam a Idade Média para defender o Cristianismo formaram-se duas escolas.

A primeira chamada de racionalista via a história medieval como uma luta da razão para emancipar-se da fé. Para esta escola “O único contributo da Filosofia Medieval foi o do esforço doloroso de emancipação da inteligência”. (DE BONI, 2005, p.14).

A outra escola, através do projeto de renovação da Igreja Católica, buscou visitar a Filosofia Medieval principalmente pela vertente Tomista. Por isso esta escola historicamente institucionalizou alguns assuntos e filósofos medievais, recusando assim um diálogo com pensamentos filosóficos que aparentemente se opunham ao Cristianismo.

Deve ser levado em conta, quando se fala do surgimento dos estudos medievais na Igreja Católica, que eles tiveram, quase sempre, um cunho reacionário, na medida em que foram promovidos para combater não apenas as filosofias que pareciam opor-se ao Cristianismo, mas também toda e qualquer tentativa de aproximar-se delas. (idem)

Neste tempo houveram muitas condenações por parte da ortodoxia católica muito pela falta de sentido histórico, pois os condenados, entre eles padres exemplares, tinham a convicção de que era preciso dialogar com o pensamento moderno. O impulso maior, conforme De Boni, para o estudo medieval dentro da Igreja Católica foi com a encíclica de Leão XIII Aeterni Patris, pois deste texto vieram algumas intuições que marcaram os historiadores e pensadores católicos como o estudo aprofundado de Tomás de Aquino e o significado do estudo da Filosofia para Teologia.

Por fim com esta renovação católica surgiram Universidades importantes para o estudo Medieval, entre elas: a Gregoriana em Roma, o Instituto Católico em Paris, o Instituto Superior de Filosofia em Louvaina, entre outros.

Após este itinerário sobre a história dos estudos da Filosofia Medieval onde, num primeiro momento, vimos os preconceitos referentes à Idade Média, e, num segundo, o início do interesse pela Filosofia Medieval, é necessário, num último esforço, investigar as principais dificuldades que encontraram os primeiros estudiosos desta filosofia, assim como ressaltar os grandes nomes que ajudaram a resgatar os tesouros do pensamento medieval, além daqueles já citados acima.

O primeiro desafio estava nas edições dos textos medievais. Elas não eram seguras, os arquivos apresentavam muitos escritos inéditos, também falhas

cronológicas se misturavam a fatos e o mais importante, as traduções de gregos e árabes para o latim não eram realizações científicas seguras.

Iniciou-se então um trabalho exaustivo com as edições críticas. Obras esgotadas de filósofos medievais foram novamente editadas, sendo Boaventura o primeiro medieval a ter uma edição crítica concluída. Juntaram-se a ele, posteriormente, Tomás de Aquino, Duns Scotus, Guilherme de Ockham, Santo Anselmo, Alberto Magno, Raimundo Lulio, entre outros. Este trabalho, conforme ressalta muito bem De Boni, não era propriamente um trabalho filosófico e sim histórico, paleográfico, literário, com o intuito de colocar à disposição a genialidade do pensamento construído na Idade Média.

Atualmente isto por um lado ficou fácil com os meios eletrônicos, porém, como o latim e o grego são línguas chamadas “mortas” e os principais escritos medievais estão em latim, os estudiosos contemporâneos tem a exaustiva e respeitosa tarefa de traduzi-los para as línguas modernas. Grandes estudiosos do pensamento medieval contribuíram para que a filosofia medieval pudesse ser incorporada aos debates contemporâneos. Entre Teólogos e Filósofos falecidos que dialogaram, a partir do pensamento medieval e os que ainda o fazem, com a contemporaneidade destaco juntamente com o professor De Boni: E. Gilson, P. Geach, Y. Congar, Edith Stein, K. Ranher, J. Ratzinger, A. Meier, L. Franca, H. C. De Lima Vaz, E. Stein, U. Zilles, M. A. De Oliveira entre outros. Portanto podemos compreender alguns equívocos feitos por estudiosos que não tiveram este cabedal de informações à sua disposição, mas hoje, não podemos aceitar mais com tanta paciência certas deturpações feitas à Filosofia Medieval após estudos brilhantes como os referidos acima.

3 A IDADE MEDIEVAL E O DIÁLOGO FÉ E RAZÃO

Após percorrermos o itinerário da história dos estudos da Filosofia Medieval, precisamos, antes de olharmos o que se construiu em termos de razão e fé no pensamento medieval até o séc. XVII, esclarecer o que é mesmo Idade Média e consequentemente Filosofia Medieval.

Será que conseguimos facilmente datar as histórias da Filosofia? Assim como encontramos dificuldades para delimitar o que é Idade Média, também encontramos obstáculos para pontuar onde começa a Antiga, a Moderna e principalmente a

Contemporânea. Como ensina De Boni, ninguém foi dormir na Idade Antiga e acordou na Medieval, é sempre preciso tomar fatos extrínsecos à Filosofia para assim delimitá-la.

Junta-se a isto o problema de estarmos falando em Idade Média, ou ainda Antiga, Moderna e Contemporânea a partir da cultura ocidental cristã, pois certamente poderíamos olhar a história também sob o ponto de vista oriental.

Diante destas aporias, quando falamos em um determinado tempo da Filosofia é simplesmente para termos uma melhor divisão acadêmica de estudos, mais do que afirmar seu início ou fim. Feito este esclarecimento, neste capítulo vamos rever o que os principais pensadores medievais até o séc. XIII elaboraram sobre o problema referente ao diálogo Fé e Razão dentro do contexto histórico de sua época.

Podemos em um breve resumo da Idade Média, dividi-la em quatro fases. A primeira fase vai do séc. VI ao IX, caracterizada pela obscuridade cultural, decadência e queda do império romano, invasão dos Bárbaros, tendo como principais nomes Boécio (524) e Escoto de Eriúgena (810). A segunda fase é chamada de reforma monástica ou primeira escolástica. Esta fase vai do séc. IX ao XII e é caracterizada pela renovação da Igreja, pelos mosteiros e comunidades fora de Roma e os principais nomes são Santo Anselmo (1109) e Pedro Abelardo (1142). O terceiro período chamado de fase Áurea da Escolástica vai do séc. XIII ao XIV caracteriza-se pelas escolas e pelas ordens Mendicantes como os Franciscanos e os Dominicanos, tendo como principais nomes Santo Tomás de Aquino (1221) e São Boaventura (1274). A quarta fase é chamada de baixa Escolástica, séc. XIV, permeada pelos problemas políticos entre a Igreja e o Estado. Seus nomes mais importantes foram Guilherme de Ockam e Duns Escoto.

O ponto de partida do nosso estudo será a Patrística, período dos padres apologetas, base de toda a Idade Média, tendo como nome principal Santo Agostinho.

Na Patrística, os primeiros a manter uma atitude positiva perante a Filosofia foram Justiniano e Clemente de Alexandria.

Santo Agostinho, por sua vez, a partir de suas experiências estabelece os fundamentos da chamada “Filosofia Cristã”, que dentre outros objetivos buscava uma maior compreensão das verdades reveladas.

Sua Filosofia representou o esforço da fé cristã à procura de uma maior inteligência do seu próprio conteúdo, com a ajuda de um instrumento filosófico que, baseado sobretudo no neoplatonismo de Plotino, proclamava a supremacia do espírito humano sobre a natureza e de Deus sobre o espírito humano.³

Para Agostinho a fé não substitui nem elimina a inteligência. Esta tem o papel de esclarecer e fortalecer a fé, portanto, ambas são complementares, e desta forma, é possível por meio da razão penetrar nos dados da fé revelados.

Na verdade Agostinho não sabia que estava fazendo Filosofia ou Teologia, apenas buscava “Filosofar na Fé”, ou seja, a Inteligência era um auxílio para uma melhor compreensão e defesa das verdades reveladas. Porém Santo Agostinho não conseguiu explicar como é possível esta relação ente Fé e Razão, nem estabeleceu uma delimitação para Filosofia e Teologia, algo que Tomás de Aquino fará com genialidade.

Após o período dos padres da Igreja, o problema da relação entre Fé e Razão passa por uma evolução histórica. Dentro do contexto do despertar cultural realizado por Carlos Magno na primeira metade do séc. IX destacamos João Escoto de Eriúgena.

Este pensador foi o primeiro a fazer uma teoria colocando a razão em função da fé. A grande preocupação de Eriúgena era harmonizar filosofia e religião, estava convencido de que a fé poderia ser provada pela razão, porque considerando o primado da fé, o conhecimento deveria seguir a fé, a razão tinha a tarefa de descobrir os sentidos ocultos presentes na Sagrada Escritura. Vimos que para Agostinho, o papel da razão era de ajudar na defesa da fé e na compreensão dos dados revelados, sendo assim, qual seria o papel da razão para Eriúgena?

Para ele a fé era o ponto de partida para o conhecimento de Deus. A razão deveria através da fé, descobrir o significado profundo da revelação e posteriormente ajudar para uma compreensão perfeita da revelação. Eriúgena rejeitava qualquer distinção entre religião e filosofia, a Sagrada Escritura era fundamento tanto da atividade teológica quanto filosófica do homem.

Nos últimos anos do século IX iniciou-se um período de transição geral, principalmente com a acentuada decadência da Sé Romana até meados do século

³ SARANYANA, 2003, p. 71.

XI.⁴ A figura central desta época de transição na Igreja, chamada de Primeira Escolástica, foi Santo Anselmo, homem com uma grande atividade intelectual e cultural.

Em relação ao nosso tema de estudo, Anselmo encontra-se diante da discussão entre dialéticos e antidialéticos, sendo que para ele a fé e a razão são as duas fontes do conhecimento humano. Semelhante a Eriúgena, Anselmo propõe a racionalização da verdade revelada, porém ele situa a razão no interior da fé, ou seja, “*credo ut intellegam*”, creio para entender, assim ele procurava harmonizar a razão com a fé. Não negava as Sagradas Escrituras, mas desejava criar um método que partindo da fé, pudéssemos chegar, a partir de especulações racionais, as mesmas verdades reveladas pela Sagrada Escritura.

Eu não tento, Senhor, aprofundar-me nos teus mistérios porque a minha inteligência não é adequada, mas desejo compreender um pouco da tua verdade, em que meu coração já crê e ama. Eu não procuro compreender-te para crer, mas creio para poder te compreender.⁵

Concluimos que a Filosofia Anselmiana defendia o protagonismo da razão para a compreensão da fé, tinha o objetivo de desarticular e trazer luz a as verdades reveladas, a razão move-se dentro da fé, no entanto, esta atitude otimista de Anselmo sobre a razão não pode nos levar a acreditar que ele pretendia explicar os mistérios divinos, mas, apenas provar sua existência.

4 A NOVIDADE TOMISTA

O séc. XIII período em que viveu Santo Tomás, foi o século da Teologia Escolástica e também do desenvolvimento da Filosofia que, mais tarde, serviu de base para o ensino Filosófico nas escolas do século XVI e XVII.

Tomás viveu num período em que a Filosofia Aristotélica representava um horizonte novo dentro do pensamento medieval. Durante séculos, como vimos, tentouse articular o cristianismo e o espírito grego, a partir de Platão e do Neoplatonismo. Com o surgimento das Universidades, houve um imenso trabalho de

⁴ Após este período de decadência a Igreja sente a necessidade de uma reforma de suas instituições, além de uma renovação política. O ponto de partida acontece na Abadia de Cluny onde se erigiu um mosteiro submetido a Roma, na Ordem Beneditina, que pouco tempo recebe a companhia de outras ordens como os Cartuxos fundada por São Bruno.

⁵ ZILLES, 1996, p. 94.

reabilitação da sabedoria antiga e isto ocasionou a redescoberta da Filosofia Aristotélica.

No entanto, é errado pensarmos que a filosofia de Tomás é cópia cristianizada do Aristotelismo. Como nos diz Manfredo:

Tomás de Aquino foi um homem aberto à tradição do pensamento do ocidente, não somente à tradição propriamente dos escritos dos padres da Igreja, mas também à tradição filosófica grega. Hoje sabemos que não só Aristóteles exerceu grande influência em seu pensamento, mas igualmente Agostinho, Platão, e o Neoplatonismo de Dionísio Areopagita. (OLIVEIRA, 2000, p.77).

Um dos grandes temas do desenvolvimento da filosofia Tomista é a distinção entre a fé e a razão e a possibilidade de se fazer uma harmonização entre ambas:

...um filósofo sempre argumente procurando na razão os princípios de sua argumentação; e um teólogo sempre argumenta buscando seus princípios na revelação. (GILSON, 1995, p. 656.)

Com esta delimitação dos domínios da Filosofia e da Teologia, Tomás conseguiu apresentar pontos em que ambas não se contradizem, mas se auxiliam na busca pela verdade.

Antes do olharmos uma pequena síntese do pensamento Tomista, onde veremos como ele trabalhou a fé e razão dentro do seu sistema, será muito esclarecedor acompanharmos dois estudiosos do pensamento medieval, Étienne Gilson e Manfredo de Oliveira a respeito da distinção feita por Tomás entre Filosofia e Teologia.

O medievalista Étienne Gilson ressalta, a partir de Tomás, pontos de intersecção entre a Filosofia e a Teologia. O primeiro deles é que nem a razão, quando usada corretamente, nem a revelação teriam condições de nos enganar. No entanto, afirma Gilson, quando a reflexão filosófica contraria o dogma esta estaria incorrendo em um erro, visto que não temos condições de compreender plenamente os dados da fé.

É certo pois, que a verdade da filosofia se uniria a verdade da revelação por uma cadeia ininterrupta de relações verdadeiras inteligíveis se nosso espírito pudesse compreender plenamente os dados da fé. Daí resulta que, todas as vezes que uma conclusão filosófica contradiz o dogma, é um indício certo que essa conclusão é falsa. (GILSON, 1995, p.656).

O autor ainda afirma que a Filosofia partindo da revelação tem a tarefa de interpretar racionalmente os dados da fé, ou seja, de desenvolver seu conteúdo, de esclarecê-lo tanto quanto possível, inclusive por analogias bem escolhidas. Quando, por sua vez, partir de seus próprios princípios, ela corre o risco de se enganar ou de entrar em assuntos em que a prova racional é impossível.

O segundo ponto de intersecção seria o auxílio da filosofia, enquanto compreensão racional, sobre algumas expressões da sagrada escritura, pesquisar o que as palavras nos ensinam sobre Deus.

Gilson, por fim, acentua que há a teologia racional que parte do dogma e a teologia natural, que a razão elabora e que é nesta que se encontra a genialidade Tomista, isto é, ele nos leva pela razão, num método progressivo e dialético, às verdades da fé que nos são passíveis de entendimento, sempre seguindo uma ordem Teológica.

Manfredo de Oliveira no seu livro *Diálogo entre fé e razão*, também nos ajuda a esclarecer a distinção feita por Tomás entre Filosofia e Teologia.

Conforme Manfredo, a razão para Tomás era um movimento de transcendência que se realiza em dois planos. No primeiro plano parte-se dos fenômenos, das coisas sensíveis para chegar a Deus. Tudo era visto em seu relacionamento com Deus. No outro plano, também Deus era o centro, porém não parte-se do ser humano como força reflexiva, mas da participação, da luz concedida por Deus ao ser humano. “O movimento entre a *‘lumem natural’* (Filosofia) e a *‘lumem Supernaturale’* (Teologia) é um movimento circular. Filosofia é um caminho dos entes para Deus e a Teologia de Deus para os entes.” (OLIVEIRA, 2000, p.79).

Para Manfredo este novo movimento da razão, que a partir de uma luz divina é capaz de realizar uma explicitação do sentido das coisas no mundo era desconhecido de Aristóteles e só foi possível graças ao encontro da Filosofia Grega com a tradição Judaico Cristã.

Dado o exposto, analisaremos, de forma breve, as novidades do sistema Tomista em relação aos grandes pensamentos filosóficos como de Platão, Agostinho, Anselmo e até mesmo Aristóteles no que concerne aos limites da razão, passando por algumas discussões sobre a verdade, conceito de alma racional e chegando às vias da existência de Deus. Desta forma veremos como ele trabalha a Filosofia e a Teologia de uma maneira genial, com uma profunda riqueza surpreendendo os seus contemporâneos.

O ser humano tem a capacidade de raciocinar, refletir, fazer uso da razão. Para Tomás, a maior capacidade que temos é a de refletir, que vem do intelecto, por isto o conhecimento intuitivo não é próprio do ser humano.

Conforme a célebre frase de Tomás “não há nada no intelecto que não tenha passado pelos sentidos”, as primeiras coisas que conhecemos não são outras que as sensíveis. Desta forma a razão não dá conta das razões eternas das coisas, como vimos ela conhece através dos sentidos, em conformidade com o intelecto. Para isso o intelecto precisa como nunca do corpo que é o que está em contato com os sentidos.

Tomás aqui não fala mais como Agostinho daquela voz interior presente no homem, como única forma de conhecimento. Assim a alma racional, forma única do corpo, é convidada a tirar do sensível o seu conhecimento. Não é por acaso que quando o Doutor Angélico fala das vias da existência, do conhecimento verdadeiro da realidade, da noção de Deus como ato puro de existir ele elabora fazendo um diálogo entre Filosofia e Teologia tendo como base de argumento a realidade sensível.

De acordo com a proposta da teologia natural do Aquinate, a filosofia é convidada a refletir, partindo de Deus como princípio e fim. É este universo que a teologia natural no convida a contemplar.

Passemos agora para as questões sobre a verdade e as vias da existência de Deus.

Será que o ser humano é capaz da verdade? Tomás teve que enfrentar esta pergunta para fundamentar a metafísica “enquanto filosofia primeira”. Para ele a verdade existe, ela se impõe a nosso espírito como evidente, porque se negamos a existência da verdade, a própria negação já teria que reconhecer a verdade. Neste sentido, para Tomás ser e pensar são inseparáveis. Quando consideramos o pensamento humano, sua linguagem, consideramos também o modo como conhecemos o real, o ser.

No artigo oitavo das Questões discutidas sobre a verdade, o Aquinate questiona se todas as verdades derivam da verdade primeira que é Deus.

Primeiro ele afirma que o agir perfeito da inteligência é a sua capacidade de conhecer a verdade, portanto, o valor primordial do intelecto é a verdade.

Desta maneira se de Deus provém à forma das coisas no qual o intelecto entra em conformidade para realizar um juízo e se Dele provém o bem, isto é, o agir

perfeito de cada coisa, então podemos afirmar que toda a verdade deriva de Deus, tanto na questão ética (agir perfeito), quanto do conhecimento.

No entanto, se nos referimos a atos imorais, como por exemplo: “O homem traiu sua esposa”, e se isto é verdade, então podemos concluir que este ato vem de Deus?

Para esta objeção Tomás responde que esta conclusão é uma falácia, porque é claro que os atos imorais não vêm de Deus e sim do livre arbítrio, porém, a verdade neste caso não diz ao ato moral em si, mas a conformidade do ato com o intelecto, o intelecto é capaz de saber que este ato é verdadeiro e esta capacidade é que vem de Deus e não a imoralidade inserida no ato.

A respeito da existência de Deus ele propõe vias que nos dão a possibilidade de pensar que Deus existe, mas não são provas de sua existência, e sim vias.

A existência de Deus não é evidente porque não temos noção de sua essência divina e também por ser ele infinito, não podemos chegar a sua necessidade de existir que a sua infinidade implica. Assim, para o Aquinate, devemos buscar na realidade, nas coisas sensíveis, algo que nos eleve a Deus e neste ponto a filosofia nos proporciona um caminho aberto de reflexão.

As vias de Tomás revelam uma realidade sensível e a possibilidade da existência de Deus pelas afirmações causais da realidade. De forma sintética, são quatro as vias propostas por ele: a primeira é a do movimento, a segunda é a noção de causa, a terceira é a da necessária existência e a quarta são os graus de perfeição.

Após olharmos que o sistema Tomista é verdadeiramente um diálogo entre fé e razão em todos os campos do seu estudo, veremos como ele de forma clara distingue Filosofia e Teologia a partir de seus métodos e finalidade e como ele harmoniza esses saberes de forma genial. O livro base para este estudo será a Summa Contra Gentiles que é uma exposição feita por ele da fé cristã para o uso dos missionários.

No séc. XIII o aristotelismo a partir de Averróis exigia uma decisão dos pensadores cristãos: ou seria colocado como auxílio à Teologia ou se transformaria em ameaça a fé cristã.

Com o conhecimento da Dialética Aristotélica e de outras obras do Estagirita, era necessário que se distinguisse Filosofia e Teologia. A Filosofia deveria conseguir

seus objetivos sem o auxílio da Teologia e esta tendência, conforme Gilson, cristalizouse a partir do pensamento de Averróis.

No entanto, foi com Tomás que se conseguiu esclarecer o que era próprio da Filosofia e da Teologia e diante desta clareza de saberes fazer com que a Filosofia servisse de fundamento seguro para Teologia.

Foi a Santo Tomás que coube a empresa histórica de retificar, num sentido cristão, este aristotelismo malsão que corria ao lado da Teologia, sem correlação orgânica com ela, e de superá-lo de tal modo que, depois de depurado e organicamente integrado no edifício teológico, ele passasse a servir de fundamento seguro para a mesma teologia. (BOELNER;GILSON, 2012, p.448).

As Universidades tornaram-se grandes centros de ensino e de discussões acadêmicas. A Escolástica tinha o intuito de colocar a razão a serviço da fé, isto não de modo depreciativo, mas a partir de métodos racionais, queria combater heresias, convencer sobre a existência de Deus, ou seja, a razão não podia, nem precisava negar as verdades da fé.

Tomás de Aquino foi o grande nome deste período, pois ele conseguiu de forma genial sintetizar com muita coerência a filosofia Aristotélica com a tradição Platônica produzida até então. Para realizar uma harmonização entre o conhecimento da fé e o racional, ele precisou delimitar de forma prática o que era proposto pela Filosofia e o que era característico da Teologia.

A primeira diferença prática apontada pelo Aquinate, segundo Gilson, refere-se à finalidade. A Teologia nos dá acesso às verdades da fé necessárias a salvação, no entanto, ao lado dela há espaço para a Filosofia enquanto ciência natural que investiga as coisas como objetos independentes, sem cunho religioso. A segunda diferença tratase do método onde a Filosofia parte do estudo das coisas em si mesmas, da essência das coisas ou dos fenômenos, e a Teologia parte do dado da revelação e desta forma vê as coisas em sua relação com Deus.

Mesmo com estas distinções Tomás observa uma colaboração íntima entre estes dois saberes. Ele partiu do princípio de que Deus concede as coisas criadas o seu próprio existir e agir, assim sendo, também na relação entre a fé e a razão, Deus não impede que a partir da razão conheçamos e demonstremos as verdades da fé acessíveis a nós.

Desta forma Tomás faz uma delimitação entre os conhecimentos possíveis de serem conhecidos pela razão e outros que só é possível pela fé. Ambas podem coincidir no objeto, mas não sob o mesmo aspecto, por que há verdades reveladas demonstráveis pela via racional e outras que se encontram apenas pela aceitação da revelação.

Mas como Tomás conseguiu resolver possíveis conflitos entre a fé e a razão?

Primeiramente dizendo que tanto o intelecto quanto a fé têm como fonte Deus, princípio de toda a verdade e que por isso os princípios naturais do homem não podem ser contrários à fé, com isso ele afirma que a razão não é capaz de penetrar no mistério Divino, mas ela tem uma autonomia em relação ao estudo das coisas naturais e certa competência na esfera religiosa, mas não isenta de erros.

Com efeito, existem a respeito de Deus, verdades que ultrapassam totalmente as capacidades da razão humana. Uma delas é, por exemplo, que Deus é uno e trino. Ao contrário existem verdades que podem ser atingidas pela razão: por exemplo, que Deus existe, que há um só Deus, etc. Estas últimas os próprios filósofos as provaram por via demonstrativa guiados que eram pelo lume da razão natural. (OS PENSADORES, 1985, p. 61).

Gilson e Boehner a respeito desta a respeito desta harmonia fazem a seguinte reflexão:

Um mestre não pode comunicar ao discípulo senão o saber que ele próprio já possui. Ora, o conhecimento natural dos princípios deriva de Deus, causa da natureza. Logo, tais princípios estão contidos na sua sabedoria. Donde se conclui que tudo o que contraria tais princípios contradiz à divina sabedoria, e portanto não pode proceder de Deus. Daí a impossibilidade de qualquer espécie de contradição entre a razão e a revelação, ambas oriundas de um e mesmo Deus. (GILSON; BOEHNER, 2012, p.451).

Assim fica claro no pensamento de Tomás que a Filosofia assegura os fundamentos da fé e serve de auxílio no combate das heresias. A razão humana, segundo ele, é capaz recolher em si algumas verdades que nos ajudam no conhecimento de Deus e isto é valioso para o espírito humano e para a própria Filosofia.

Tanto as verdades divinas acessíveis à razão, quanto as inacessíveis, devem ser colocadas como objetos de fé, pois, para o Aquinate, no primeiro caso: “era necessário que Deus transmitisse aos homens, *pelo caminho da fé*, uma certeza

bem firme e uma verdade sem mescla no que concerne as coisas de Deus.” (OS PENSADORES, 1985, p. 63). Já no segundo caso:

...o conhecimento das realidades mais nobres, por mais imperfeito que seja, confere à alma uma perfeição muito alta. Mesmo que a razão humana não consiga apreender plenamente as verdades supra-rationais, haure delas uma grande perfeição ao recebê-las de alguma forma pela via da *revelação sobrenatural* ao menos de alguma maneira. (Ibidem, p.64)

Desta forma, analisamos que a diferença teórica dos pensadores pré escolásticos a respeito dos saberes da fé e da razão e a esclarecedora diferença prática elaborada por Tomás acerca destes, não levam de forma alguma a uma separação entre a fé e a razão, muito pelo contrário, com o Aquinate há uma ligação profunda entre ambos e este pensamento foi essencial para sua época e ainda hoje é referência para o assunto.

5 QUESTÕES ATUAIS

Neste capítulo vamos investigar, brevemente, algumas reflexões atuais sobre o tema escolhido a partir de alguns estudiosos do assunto.

O teólogo Érico Hammes aborda muito bem as possibilidades do diálogo entre teologia e ciência.

Falando dos desafios que surgem a partir da possibilidade deste diálogo, ele concorda que historicamente teologia e ciência sempre mantiveram conflitos, alguns trágicos. No entanto, ele explica que a Teologia tem a responsabilidade de articular a pesquisa científica com o dado da fé.

Entendo que tudo que existe e tudo quanto é estudado pelas ciências pode ser sinal da presença divina. Seu estudo científico e sua pesquisa pode ser um caminho de conhecimento melhor da origem última (INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS, 2012, p.58).

Para ele a Teologia possui três desafios: o primeiro seria sustentar a possibilidade e o significado da fé após as recentes conquistas da ciência, o segundo seria fazer da Teologia não uma senhora arbitrária, mas parceira na busca pelo conhecimento e terceiro seria criar espaços no âmbito da fé para a liberdade das ciências.

Ao longo do trabalho tivemos a oportunidade de perceber que durante a Idade Média, o ser humano estava permeado pelas questões da fé e neste sentido o ateísmo era impensável. Portanto a Teologia, segundo Hammes, nasceu deste encontro entre a fé que se expressa dentro de uma comunidade e a justificação desta fé diante de outras formas de pensamento. Deste modo a Teologia participa, de uma certa forma, da vida da sociedade, onde tem a responsabilidade de traduzir a fé para seus portadores explicitando as suas razões, esclarecendo seus conceitos, de modo que os crentes possam conviver melhor consigo mesmo, com os outros e com o mundo.

Outra forma de diálogo atual entre Teologia e Ciência é a constatação de Manfredo de Oliveira acerca da Cultura e do Evangelho.

Falando do cenário cultural latino-americano e caribenho, Manfredo diz que essa cultura revela-se um espaço contraditório em que notamos aspectos da mentalidade técnico-científica moderna e também uma cultura mais tradicional, pré-moderna, com ares sapienciais e religiosos.

De uma forma mais clara ele explica que a cultura das maiorias oprimidas da América Latina possui as seguintes características: primeiro o homem desta cultura coloca como referência na sua vida a natureza, a terra mãe, ele sente-se parte deste mundo natural. Segundo, sua ação é um segmento de uma ordem cósmica pré-dada, ele sente-se mais objeto do que sujeito do mundo. Terceiro, o trabalho é visto como uma necessidade e como uma servidão diante de uma vida submetida a uma ordem de fora do homem. O coletivo prevalece como um projeto determinado por Deus. E por fim a ordem social como a natureza é intocável e a ação do ser humano perante ela é de resignação e obediência.

Neste último ponto, as desigualdades sociais e opressões são vistas como injustiças, mas muitas são legitimadas para garantir o bom andamento da sociedade.

Dentro deste contexto surgiram as Comunidades Eclesiais de Base e as lutas em prol da libertação dos oprimidos gerando uma nova cultura popular. Podemos aqui questionar como intercalar o Evangelho e as culturas?

Primeiramente Manfredo ressalta que o homem é um ser de possibilidades, não efetivado, essencialmente mediação e fundamentalmente um ser da cultura, pois o homem enquanto também ser espiritual, procura na cultura uma manifestação do absoluto. Voltando a pergunta inicial, a cultura faz o homem questionar-se pelo sentido e, conforme Manfredo, a filosofia, a arte e a religião trabalham muito nessa

temática do sentido e é nesta perspectiva que podemos situar a inculturação e a evangelização.

Considerando a cultura como condição humana originária, sendo a ciência, a política, a história, o mundo da cultura, a Teologia não pode ficar indiferente a este mundo sob pena de não encontrar o ser humano, endereço da evangelização. Assim Manfredo se pergunta qual é a função do Evangelho diante das culturas?

Nada mais que anúncio da Boa Nova, de Deus como futuro absoluto. Por isso que toda cultura, vista sob a ótica da Teologia, está envolvida pela presença de Deus.

Desta forma, segundo Manfredo, toda cultura revela-se relativa e mutável por um lado e por outro está confirmada em tudo o que há de autenticamente humano e tem, por isso, a responsabilidade de proporcionar principalmente a radicalização do mundo humano.

Poderíamos abordar ainda de muitas maneiras, esta questão atual acerca da Teologia e das relevantes conquistas das ciências ou até mesmo do pensamento Filosófico Contemporâneo como, por exemplo, investigar um possível diálogo entre a Teologia e a racionalidade recente proposta por Habermas, como razão comunicativa. Porém, dado o exposto neste capítulo, fica claro a possibilidade de a Fé e a razão, dentro de suas áreas e de limites, dialogarem no intuito de promoverem a vida humana buscando respostas para os problemas que surgem dentro de nossa sociedade.

6 CONCLUSÃO

Constatamos, no final deste trabalho, que Tomás introduziu na história, uma Filosofia inovadora em comparação com os sistemas anteriores, profunda porque estava comprometida com as questões de sua época e aberta para o futuro sendo ainda hoje muito estudada e base para assuntos de extrema relevância.

A arte de ser tomista de que nos fala Gilson, revela que estudar Tomás é uma atitude de fôlego e que para isso é preciso ter uma consideração à sua memória e responsabilidade ao procurar entender o que ele disse. Muitos se dizem Tomistas sem buscar, com humildade, instruir-se a respeito.

Segundo Gilson, a obra deste Santo, por analogia, pode ser comparada a vários mundos um dentro do outro. Ele foi muito importante não só para a compreensão da Filosofia Aristotélica no agitado séc. XIII, mas também para a consolidação da fé da Igreja.

Ela sabe que pode recorrer a essa doutrina, com a certeza de nela encontrar intacto, junto com seu próprio pensamento, todo o tesouro da revelação e da tradição, organicamente ordenado, interpretado e clarificado pelas luzes que a razão natural põe a seu serviço. (GILSON, 2009, p.200).

Portanto, estudar Tomás de Aquino é motivo de grande alegria, uma felicidade embasada na certeza de estarmos na companhia de alguém que buscou constantemente a verdade e fez da sua vida uma completa doação a Deus e aos homens.

Por fim, queremos juntamente com Gilson⁶, investigar o futuro da Filosofia Cristã. Que problemas e situações estarão no centro de uma possível mudança na Filosofia Cristã?

Para Gilson, sendo a inteligência da fé a substância da Filosofia Cristã, o encontro destas duas forças fez surgir um terceiro conhecimento, uma síntese, com uma visão de conjunto, porém tendo como objetivo principal uma reflexão mais profunda da revelação cristã. Mas o que deve haver para que aconteça um progresso da Filosofia Cristã?

A esta pergunta Gilson é muito claro. Enquanto os filósofos cristãos ficarem apegados à filosofia aristotélica e a seu mundo e não perceberem que a ciência moderna avançou em comparação com a ciência produzida por Aristóteles, nada vai mudar. É claro que Aristóteles é muito importante, não se trata de jogá-lo fora, o que Gilson explica é que os filósofos cristãos precisam aprender a dialogar com as várias conquistas e descobertas da ciência moderna. É preciso não só não perder um saber antigo, mas ter a humildade de aprender um novo. “Ninguém pode adquiri-lo se não se tornou capaz de compreender a linguagem da ciência de seu tempo, no sentido em que a compreendem os cientistas que a utilizam” (Ibidem, p.224).

⁶ Gilson faz este questionamento em 1959 quando escreve o livro “O Filósofo e a Teologia”, no entanto, esta questão parece-nos muito atual, visto os avanços da ciência e novos problemas surgidos em que a Teologia e a Filosofia são convidadas a refletir.

Mesmo que haja um esforço neste sentido, com certeza ainda haverão conflitos entre a Teologia e a Ciência, mas com a experiência de todos estes séculos e as reflexões de grandes gênios como o Aquinate, a Teologia e a Ciência devem ter a inteligência de, respeitando a natureza da cada uma, dialogar e resolver os impasses para que, a partir disso, consigam fazer com que as pessoas vivam melhor.

A filosofia cristã, tendo como princípio e fim a fé, não precisa de modo algum temer as novidades da ciência moderna. É isto que Gilson enfatiza com estas palavras:

A Filosofia Cristã é o desenvolvimento de um progresso a partir de uma verdade que não está, ela própria, sujeito ao progresso. Essa verdade procede da natureza de Deus, que não muda, mas o mundo por ele iluminado não para de mudar; o mundo da invenção científica, invenção moral, social, política e econômica, da artística, enfim, tantas contribuições sem cessar renovadas e as quais a sabedoria Cristã deve prestar a mais afetuosa atenção, para purificá-las e delas extrair o sentido verdadeiro, benfazejo, e até mesmo, uma vez purificado, salvador. (Ibidem, p.235)

Assim, concluindo este artigo, podemos perguntar qual a contribuição de Tomás para a Filosofia Cristã?

A resposta não poderia ser outra do que decisiva. A Igreja em mares agitados precisava ancorar em um porto seguro e encontrou na Teologia Tomista este repouso. A metafísica Tomista, com sua concepção de primeiro princípio, conforme Gilson satisfaz às exigências da revelação elaborando uma noção de ser que nenhuma filosofia jamais propôs. Desta forma, tanto a sua metafísica quanto a sua novidade acerca do diálogo Fé e Razão, no qual nos propomos a estudar, são indício de sua brilhante competência como Filósofo e Teólogo, amante da Sabedoria, e assim podemos dizer, juntamente com ele, que a razão humana em diálogo com a fé, “respira” ou seja, move-se a horizontes até então impensáveis.

BIBLIOGRAFIA

ABAGGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AQUINO, Tomás de. **Suma Contra os Gentios**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Sulina; Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1990.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da Filosofia Cristã: desde as origens até Nicolau de Cusa**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

COPLESTON, Frederick. **A History of Philosophy**. Trad. Pe. Aldo Lorenzoni. Vol. 2, Medieval Philosophy, New York, 1962.

DE BONI, Luis Alberto. **Filosofia Medieval**. 2.ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

FIDES ET RATIO, **Sobre as relações entre Fé e Razão**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

GILSON, Étienne. **O Filósofo e a Teologia**. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2009.

_____. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

HAMMES, Erico. **Possibilidades do diálogo entre Teologia e Ciência**. IHU. São Leopoldo, nº 404, p. 57-60. 05 out. 2012. Entrevista concedida a revista do Instituto Humanitas Unisinos.

LUMEN VERITATIS, **Revista de Inspiração Tomista**. Ano I-Nº1- Out a Dez, 2007.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Diálogos entre Razão e Fé**. São Paulo: Paulinas, 2000.

OS PENSADORES, **Seleção de Textos, Tomás de Aquino, Dante Alighieri, John Duns Scot, Wiliam of Ockham**. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

REALE, Giovanni; ANTISSEI, Dario. **História da Filosofia Antiga e Idade Média**. São Paulo: Paulus, 2005.

SARANYANA, Josep-Ignasi. **A Filosofia Medieval, Das Origens Patrísticas à Escolástica Barroca**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2006.

ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. 2ª. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.